



Políticas,
Práticas e
Resistências

ALFABETIZAÇÃO E DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA: o que as notícias de jornais nos informam?

*Juliana Silva Santana*¹

*Francisca Geny Lustosa*²

Eixo temático 2: Alfabetização e história

Resumo

O artigo discute a alfabetização e as dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita numa perspectiva ampliada, entendendo os meios midiáticos como importantes fontes de pesquisa e informação. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, realizada a partir de notícias veiculadas em jornais *online*, locais e nacionais no período de 2017 à 2019. Os resultados dessa investigação suscitam análises relacionadas à invisibilidade de dados e discussões sobre os alunos com dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita e/ou não alfabetizados, decorrente, dentre outros motivos, da ênfase no *rankiamento* de escolas/estados via notas de avaliações externas de alfabetização, ao que identificamos uma situação de “apagamento” desses estudantes que é, também, um problemático retrato da realidade escolar.

Palavras-chaves: Dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita. Alfabetização. Meios Midiáticos.

Introdução

O artigo discute a alfabetização e as dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita valendo-se de notícias veiculadas em meios midiáticos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, realizada a partir de matérias, publicadas entre 2017 e 2019, em jornais *online* – locais e nacionais, entendendo os meios midiáticos como importantes fontes de pesquisa e informação a todos, seja comunidade científica ou sociedade em geral.

Jornais – televisivos, impressos ou digitais – informam uma grande parcela de brasileiros sobre os mais diversos assuntos, tendo como objetivo fundante o compromisso

¹Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista CAPES. Contato: juliana.santana@uece.br

² Professora da Universidade Federal do Ceará (UFC), da Faculdade de Educação (FACED) e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE-FACED/UFC). Contato: franciscageny@yahoo.com.br

com a difusão com a notícia, ainda que nem sempre assegurados a criticidade e à deriva das formas de manipulação e controle político-ideológico. São, portanto, uma importante fonte de pesquisa cujo objeto ou fenômeno está distante historicamente ou próxima de nosso tempo, sendo uma fonte de informação “dinâmica, interativa e dialógica” (CAVALCANTE, 2002, p. 10).

Salienta-se que o exercício aqui realizado refere-se à discussão da problemática das dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita, considerando dois cenários: 1) notícias sobre a alfabetização no Brasil; e 2) notícias sobre a alfabetização no Ceará. Para tal, acessamos as páginas *online* do Jornal Diário do Nordeste e do Jornal O Povo, respectivamente os jornais de maior circulação em nosso estado, Ceará, além de ampliarmos a busca, também, para notícias nacionais. Esta revisão foi aqui organizada em duas seções no texto.

Além disso, a análise dos dados sobre os estudantes com dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita se dá como um exercício pautado no que a notícia “não mostra”, visto que os textos jornalísticos em questão centram-se em apresentar os dados de alfabetização e de “bom desempenho” escolar dos alunos. Por fim, realizamos algumas considerações finais e apresentamos as referências utilizadas.

Notícias sobre alfabetização no Brasil

Iniciamos a discussão desta sessão problematizando a ausência de um dado nacional mais preciso sobre quantos e quem são os alunos com dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita nas escolas brasileiras. Entendemos o quão problemática é essa ausência, visto que tais dados seriam resultado de um olhar para este público e retroalimentariam ações na escola e nas políticas públicas, em atendimento a esses alunos. A falta de um dado preciso, no entanto, não impossibilita que possamos pesquisar sobre, tecer reflexões a respeito dessa temática e analisar o “não dado”, como realizaremos nesse estudo.

As matérias de jornal aqui divulgadas versam sobre o complexo e persistente desafio da alfabetização para o nosso país, levantando dados das realidades diversas de se alfabetizar nas escolas brasileiras.

A notícia divulgada pelo Jornal G1 traz dados sobre a Avaliação ANA (2016) ponderando que, apesar dos avanços, ainda há muito o que melhorar frente ao alto índice de estudantes com dificuldades na leitura, na escrita e na matemática. Os jornalistas, autores da matéria, Farjado e Oliveira (2017, paginação irregular) apontam que só 13% dos alunos estão entre os considerados com conhecimento “desejável”; um dado alarmante que leva-nos a pensar sobre como a escola tem se posicionado frente à tal realidade: se “deixando a

dificuldade se acumular” ou se “repensando estruturas e práticas que favoreçam a alfabetização”.

A matéria do G1 (2017) também traz os dados da ANA no tocante à escrita, e mostra que “34% dos alunos brasileiros do 3º ano apresentaram proficiência insuficiente na escrita. Isso significa que estes estudantes têm dificuldades que vão desde escrever palavras com alguma correspondência até cometer erros de ortografia”. Tais números mostram a quantidade de estudantes que, de alguma maneira, estão vivenciando a nomeada dificuldade na aprendizagem escolar na leitura e na escrita e, mesmo diante desse quantitativo, ainda não temos políticas públicas que atentem à essa grave problemática. Essa realidade reproduz a desigualdade no país e, ainda, a reforça.

Numa matéria divulgada no Jornal da USP (2017, paginação irregular), a professora Silvia Colello, afirma que a pobreza do país e as desigualdades fazem com que “muitas crianças cheguem à escola sem ter experiências de estímulo à leitura e a escrita”. Diante de tal realidade, para além das urgentes demandas sociais no país, considera-se que a escola deve proporcionar tais experiências às crianças, inserindo em seu cotidiano situações diversas e prazerosas de leitura e escrita, convencionais ou não.

Na carência observada no ensino da leitura e da escrita, a escola fracassa quando não consegue oferecer às crianças o contato com as diferentes experiências de letramento, assim como, quando não consegue atender às crianças em suas especificidades durante o aprendizado da alfabetização.

Reproduzindo o retrato socioeconômico do país, as regiões Norte e Nordeste apresentam níveis mais baixos de alfabetização, enquanto o Sul e o Sudeste apresentam os melhores índices. Dentro dessa realidade, alguns estados se destacam, como é o caso do Ceará. Na matéria preparada pelo Jornal Estadão (2019, paginação irregular) são ressaltados alguns dados importantes sobre essas desigualdades. O foco do texto são as crianças que leem. Aqui, a equipe jornalística busca saber o que acontece na realidade escolar de alguns municípios brasileiros que conseguem, para além da situação de pobreza e desfavorecimento social, alfabetizar crianças. Dentre estas, está o município de Granja, no interior do Ceará, que tem 9 das 10 melhores escolas em leitura no Brasil. A cidade também tem a melhor escola do Brasil em leitura e escrita.

Num podcast, o Estadão (2019) traz a realidade dessas escolas mostrando um trabalho sistemático realizado dentro das salas de aula que visam enriquecer o repertório cultural e linguístico das crianças com textos que atendem às expectativas delas, que são significativos ao contexto vivenciado e, a partir daí, mediante diversas situações de mediação pedagógica (que não estão necessariamente relacionadas à um modelo/método de alfabetização) as crianças acessam e desenvolvem a leitura e a escrita. Os professores destacam o uso de

jogos, textos cotidianos, ensino dos sons das letras, pitadas de construtivismo... “Misturam, experimentam, tentam de todas as formas atingir uma meta clara: não deixar nenhuma criança para trás” (CAFARDO, 2019, paginação irregular).

Para o Jornal Folha de São Paulo (2019), o foco nas crianças e no objetivo da alfabetização deve ser maior que o foco nos resultados e nas premiações. Parece óbvio, mas ainda não é a realidade generalizada nas escolas brasileiras. Talvez em decorrência desse “desvio de foco” o Brasil ainda não bateu a meta de alfabetização (BARBON, 2019, paginação irregular). A matéria divulgada em junho de 2019, mostra que os dados do IBGE apontam as diferenças entre pobres e ricos, negros e brancos, nordestinos e sulistas e assim por diante. A manutenção das desigualdades do país certamente passa pela educação, pelo acesso a ela e pela qualidade do que é oferecido, vivenciado.

Diante desse contexto, buscamos, ainda, em jornais de âmbito local, observar como a questão da alfabetização no país é abordada. A seguir, listamos algumas matérias a partir dessa busca e tecemos algumas análises breves.

Notícias sobre alfabetização no Ceará

O Estado do Ceará têm se destacado nacionalmente quando o assunto é alfabetização de crianças pelas práticas de leitura, escrita e letramento vivenciadas nas escolas, sobretudo após diversas políticas de alfabetização, incluindo formação de professores alfabetizadores, acompanhamento da frequência das crianças às aulas, disponibilização de materiais didáticos, jogos e acervo de literatura infantil, entre outras.

Os dados do Sistema de Avaliação Permanente da Educação Básica do Estado do Ceará (SPAECE) divulgados em 2017, mostraram que grande parcela das crianças cearenses, perfazendo o quantitativo de 91,9%, que cursam o 2º ano do Ensino Fundamental, concluem a série com a alfabetização consolidada, naquilo que é caracterizado como nível desejável e suficiente de aquisição da leitura e escrita. Ou seja, em se tratando de um panorama nacional, o Ceará destacou-se, inclusive com os melhores resultados do Nordeste.

Diante de tais dados, parte significativa das matérias de jornais sobre educação e, especificamente, sobre alfabetização, dedicam-se a “celebrar” tais resultados, possibilitando-nos tecer algumas reflexões e críticas, considerando principalmente os percursos de alfabetização, e não apenas os resultados, assim como as crianças que estão se alfabetizando, (ou não!), para além de números e estatísticas.

Certamente que dados divulgados a partir das avaliações externas são relevantes no que diz respeito ao resultado das ações pedagógicas num determinado período. Contudo, questionamos aqui o fato dos dados serem postos apenas como estatísticas, boas ou ruins,

pouco falando sobre como se dão os processos de alfabetização dentro e fora da escola, estes processos que são tão interessantes, ricos, desiguais, singulares; minimizando, assim, as possibilidades de uma leitura e reflexão mais crítica pelo leitor. Alfabetização não é resultado, é processo.

Revisando as matérias divulgadas sobre alfabetização, no caderno “Educação” dos jornais Diário do Nordeste e O Povo, nos anos de 2017 a 2019, constata-se que as pautas foram, sobretudo: i. as modificações propostas pelo governo vigente no Brasil, em sua busca por o “melhor método de alfabetização” (equivocadamente perdido em discussões ultrapassadas!) ou qual a “idade certa” para avaliar a alfabetização de crianças, por exemplo; ii. a divulgação dos resultados das avaliações externas.

Apesar da forte sistematização de ações buscando a melhoria nesses resultados no Ceará, aqui focaremos em discutir os dados que ficam relegados a segundo plano nessas notícias: por exemplo, ao mesmo tempo em que uma notícia comemora o alto índice de crianças alfabetizadas, dispõe-se, nas entrelinhas, um importante quantitativo de estudantes que não estão conseguindo, ou seja, que por alguma razão, estão apresentando dificuldades nessa aprendizagem. Tais crianças estão, de tal forma camufladas ou retiradas do foco de preocupação política e pedagógica. Estes indicadores nos preocupam quanto a manipulação ou descarte dessa informação e seu trato sério da questão que esconde, bem como os debates e ações que decorrem dela.

Na matéria do jornal Diário do Nordeste (2019) que destaca o Ceará como sendo “o Estado que mais progrediu em números de estudantes do 5º e 9º anos com nível adequado de aprendizagem” (VIANA, 2019, paginação irregular), é isso que ocorre: a matéria discute a importância dos altos índices de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, repercutindo nos anos finais e ensino médio.

Em meio a tantas estatísticas e comentários, que não falam de forma aproximada das pessoas, a matéria supracitada leva-nos, de fato, a pensar nesses sujeitos como números, e não em sua individualidade como ser humano, em sua complexidade.

Ao buscar justificar as causas das dificuldades na aprendizagem sugerindo que “as razões vêm desde a alfabetização malfeita e isso vai se acumulando e se transformando em defasagem”, Viana (2019, paginação irregular) leva-nos a refletir sobre algumas questões: 1. Em geral, a escola desconsidera o nível de aprendizagem do estudante e apenas o sufoca com mais e mais conteúdos; 2. Por tanto receber conteúdos que não necessariamente consegue significar, o estudante é levado a lidar com o peso de sua dificuldade sozinho, até que desista de si, de estudar. Com isso, entendemos que a dificuldade na aprendizagem que “vai se acumulando” e depois “se transformando em defasagem”, como citado na matéria do jornal, retratando a crueldade de um sistema que não olha para os estudantes, sobretudo

quando eles estão em situação de dificuldades no aprendizado. E não deveria ser exatamente o contrário?

Se pensamos tal realidade numa outra perspectiva educacional, redimensionamos as ações pedagógicas e didáticas no sentido de dar mais suporte a quem mais precisa, buscando equidade nas mediações, visando o sucesso de todos, cada um em sua especificidade e ritmo, mas todos num mesmo objetivo, contrapondo essa triste realidade generalizada, onde o estudante que apresenta algumas dificuldades durante o processo de alfabetização passa adiante nos demais anos de escolarização sem, necessariamente, receber suportes para superar tais dificuldades.

Numa outra matéria, divulgada no mesmo período pelo jornal O Povo (2019), aponta-se, de forma otimista, que “O Ceará está prestes a alcançar 100% de alfabetização no 2º ano do Ensino Fundamental” (RAMIRES, 2019, paginação irregular), relatando que o Estado se organizou para conquistar melhores resultados a cada ano, fazendo uso de algumas estratégias importantes para a melhoria da educação, em geral, como: 1. Acompanhamento da frequência do aluno, 2. Projeto pedagógico estimulante e inovador, 3. Jornada ampliada, 4. Equipe escolar e 5. Parceria com a comunidade escolar.

Nessa matéria jornalística, os dados apresentados revelam: “Apesar de a disparidade na aprendizagem ter diminuído, 3,6% das crianças ainda não aprenderam a ler e escrever na idade certa”; conforme dados do SPAECE 2018 “2,9% dos estudantes apresentam alfabetização incompleta e 0,7% são considerados não alfabetizados” e, ainda, “Entre 2017 e 2018, o nível de aprendizagem “muito crítico”, o mais baixo da escala, diminuiu de 2,2% para 1,6% entre os alunos do 5º ano em língua portuguesa” (JORNAL O POVO, 2019, paginação irregular).

O texto do jornal O Povo traz, ainda, o “Programa Novo Mais Educação” como sendo uma estratégia utilizada atualmente nesse sentido, para o atendimento aos estudantes em dificuldade, visto que, é com ele que o estudante tem “a oportunidade de repor as habilidades e competências que ele não conseguiu adquirir na série que cursa”. O Programa funciona desde 2017 e tem como objetivo “melhorar a aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática dos alunos do 3º ao 9º ano do Ensino Fundamental das escolas da rede pública” (BRASIL, 2017).

Todavia, é válido pensar que, para além dos “reforços”, que são oferecidos a partir do 3º ano do Ensino Fundamental, é importante sistematizar ações nos anos iniciais – buscando evitar o “acúmulo” de dificuldade – assim como, que tais práticas se deem dentro da sala de aula, num contexto inclusivo.

Consideramos assim, bastante preocupante a situação dos estudantes com dificuldades na leitura e na escrita, particularmente, na análise que fazemos nesse texto em

nosso estado, sobretudo no que se refere à sua invisibilização – prática observada na realidade das salas de aula e, também, retratadas e reproduzidas nas mídias, conforme pudemos observar nas notícias supracitadas.

Considerações finais

Constatamos que, na veiculação das notícias em jornais, dentre as matérias acessadas por essa busca que procedemos, as matérias veiculadas sobre alfabetização, reproduzem a lógica da invisibilização de estudantes com dificuldades na aprendizagem, bem semelhante aos sistemas de ensino.

Chama-nos atenção que tais publicações nos jornais locais de nosso estado pouco colaborem para uma reflexão mais aprofundada para a formação de uma mentalidade ou de uma crítica social sobre a situação da alfabetização de nossas crianças, distanciando-se da necessária imparcialidade ao não discutir e nem dar visibilidade às problemáticas, para que sejam conhecidas e solucionadas.

É válido repensarmos urgentemente essa lógica de escalada nos *rankings* e organização escolar em torno de resultados, visto que são antipedagógicas quando distanciam-se do sentido da educação plural, democrática, inclusiva. É urgente atentarmos, ainda, para a institucionalização de práticas de invisibilização desses estudantes e, com isso, barrarmos imediatamente tal fenômeno.

A oferta de educação de qualidade, que se preocupe e atenda a todas as crianças, independente de sua situação econômica, social e individual, deveria ser um projeto federal, uma prioridade, deveria ir muito além do discurso. Todavia, nas práticas (inclusive na ausência de políticas públicas em atendimento aos estudantes que apresentam dificuldades), o que se percebe é uma manutenção institucionalizada e velada, das desigualdades e da manutenção delas.

Referências bibliográficas

BARBON, Julia. QUATRO ANOS DEPOIS, BRASIL AINDA NÃO BATEU META DE ALFABETIZAÇÃO. **Jornal Folha de São Paulo**. São Paulo, 19 de junho de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/06/quatro-anos-depois-brasil-ainda-nao-bateu-meta-de-alfabetizacao.shtml> . Acesso em: 03 nov. 2019.

CAFARDO, Renata. CRIANÇAS QUE LEEM. **Jornal Estadão**. São Paulo, 23 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/infograficos/educacao.crianças-que-leem,1046679>. Acesso em 05.nov.2019.

CAMPOS, Lázaro. ALFABETIZAÇÃO PRECÁRIA DO BRASIL REPRODUZ DESIGUALDADE. **Jornal USP**. São Paulo, 10 de novembro de 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/alfabetizacao-precaria-do-brasil-reproduz-desigualdade/> Acesso em: 03.nov.2019.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **O jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional**. In: Congresso de História da Educação, 2., 2002. Anais eletrônicos.

Natal: UFRN, 2002.

CEARÁ. Secretaria da Educação. SPAECE. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Juiz de Fora, 2017.

FARJADO, Vanessa; Oliveira, Marina. 55% DOS ALUNOS DE 8 ANOS DA REDE PÚBLICA TÊM CONHECIMENTOS INSUFICIENTES EM MATEMÁTICA E LEITURA, DIZ MEC. **Jornal G1**, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/mais-da-metade-dos-alunos-de-8-anos-da-rede-publica-tem-conhecimento-insuficiente-em-matematica-e-leitura-diz-mec.ghtml> Acesso em: 03.nov.2019

BRASIL. **Programa Novo Mais Educação**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://novomaiseduacao.caeddigital.net/#!/pagina-inicial>. Acesso em: 05.out.2019

RAMIRES, Ana Rute. 96,4% DAS CRIANÇAS NO CEARÁ SÃO ALFABETIZADAS NA IDADE CERTA. **Jornal O Povo**. Fortaleza, 10 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/cidades/2019/05/09/96-4--das-criancas-no--ceara-sao-alfabetizadas-na-idade-certa.html>. Acesso em: 29.out.2019.

VIANA, Theyse. CEARÁ LIDERA EVOLUÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL. **Jornal Diário do Nordeste**. Fortaleza, 21 de março de 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/ceara-lidera-evolucao-no-ensino-fundamental-1.2077477>. Acesso em: 29 out. 2019.